

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

PROPRIETARIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

—
TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e comunicados 50 »
Repetições 25 »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A PHILOSOFIA DE DIREITO E A LUCTA ENTRE AS CLASSES SOCIAES

Da Revista Nacional
(1880)

I

Em duas grandes classes se divide geralmente a sociedade em todos os tempos: uma domina, influe, avulta, e gosa; a outra trabalha, humilde, submissa, obscura; mas em toda a parte as suas relações se alteram e tendem a unifical-as, o que é a feição característica da nossa epoca, porque em nenhuma anterior se havia chegado a um ponto em que como agora se desenha já um começo de fusão ou de unidade.

Nos jornaes, nos livros nos clubs, nos salões, nas officinas, até nos parlamentos, em todos os angulos da terra, se afirma o novo direito, se condemna a exploração do homem pelo homem, se accusam os defeitos da ordem economica, que nenhuma lei regula, e se lastima a violenta e angustiosa situação dos proletarios; em toda a parte as miserias se insurgem contra os monopolios e reclamam uma outra distribuição dos meios de adquirir, o que é diferente da igualdade de bens sonhada pelos communistas.

II

O mundo agita-se: a crise social começa para a qual teem contribuido todas as luctas, todas emancipações, todas as reformas, todos progressos.

Assim acha-se hoje o proletario em face da burguezia rica e preponderante, como esta se achava outr'ora.

A burguezia nasceu do peculio dos servos: cresceu entre estes e os nobres: reagiu contra a feudalidade combateu e destruiu os privilegios que atacavam o direito e a liberdade de adquirir; então alliava-se com os reis contra os barões, seus rivales: afinal 93 deu-lhe a preponderancia: alcançou os direitos civis e politicos e a mais ampla liberdade de acção: depois foi-se desenvolvendo sempre e absorvendo a nobreza: agora, esquecida da origem e apoiada nos governos, reprime as classes interiores que aspiram, aos mesmos direitos e gosos.

III

Dois factos de uma poderosa influencia dominam o mundo europeu, a que teem servido de guia e de exemplo: o primeiro foi uma revolta da aristocracia associada aos burgos: não se gerou de uma theoria, mas de uma dedução juridica das antigas cartas: estabeleceu as liberdades da nação ingleza, mas não os direitos do homem: é por isso que se harmonizou com as velhas instituições, das quaes permaneceu o monstruoso regimen da terra, cuja legislação ainda hoje varia em todas as provincias: lá todas as reformas são transacções com o passado, e nada se destroe completa nem abruptamente: a segunda fê-la a burguezia com o povo; inspirou-se do contracto social de Rosseau, abran-

geu tudo, sujeitou a França a uma unidade severa e intransigente, e declarou-se extensiva a todas as nações.

Com ella o elemento burguez e o popular tanto se engrandeceram, que depois a realza, restaurando-se, se viu obrigada a aceitar a nova ordem creada: assim não foi a revolução franceza que ficou vencida e se annullou, porque subsiste em todos os codigos e constituições, excepto na Russia onde, comtudo, já se move um immenso partido sedento de reformas e de liberdade: os seus principios formam a atmosfera politica, em que a Europa respira; as suas instituições vigoram; da velha monarchia apenas sobrevive o rei; e está bem mudado do que era, uma entidade quasi nulla em principio, ainda que de facto assás influente.

IV

Mas 93 deixou o direito na sua base individualista: com tal base não ha verdadeira associação, apenas individuos agglomerados, sem obrigações communs, nem harmonia de interesses.

Ora o direito é uma relação, que liga o individuo e a sociedade: considerar os direitos sómente no individuo, é falsear o seu principio, porque é suprimir um dos termos d'aquella relação: assim as obrigações communs estão fóra da esphera racional do direito, é força estabelecel-as como condições meramente praticas e negativas, porque limitam a individualidade.

V

Até hoje a revolução pretendia tornar o individuo livre e independente, agora pretende creal-o socio.

O direito actual não obriga a praticar ou a ceder cousa alguma em favor dos outros, mas apenas a não offender, ou não estorvar a liberdade de cada um—ideia negativa—que não pôde fundar a verdadeira associação.

Quando depois de acabarmos o curso de philosophia frequentamos a aula de Direito Natural, ás primeiras leituras do compendio do Snr. Ferrer, descobrimos contradicção essencial entre as obrigações sociaes e o principio que se dava por base ao direito; expozemol-a ao Snr. Bernardo de Serpa, quando veio substituir aquelle professor, e lembra nos ainda a sua resposta, e foi esta «que a sciencia ainda não se adiantara até á resolução de todas as difficuldades, e que, talvez, nem Krause mesmo nol-a soubera explicar;» mas este ponto insolúvel não nos denunciava atrazo da sciencia, mas o defeito capital do systema alli professado.

VI

Se o direito é uma relação necessaria entre as pretensões e as obrigações, é esta relação a que havemos de buscar uma base philosophica e não só ás pretensões ou direitos individuaes; porque separando-as para estabelecer as primeiras racionaismente, de modo que as segundas não se legitimam em theoria, mas só como

condições praticas, tomam estas um caracter negativo, já não é a sua relação, mas só uma d'ellas, já não é pois o direito, que se considera, e commette-se um erro de methodo, que o desnatura, e nos leva áquella contradicção inevitavel.

O reconhecimento da liberdade de cada um dentro da sua esphera, e o dever de não atacal-o, não fundamenta a sociedade juridica: porque a ninguém impõe a obrigação de contribuir para o bem geral.

Ha de certo fins communs reconhecidos e bem protegidos, mas não se abona o direito puro porque não se estenda alem da personalidade: assim o estado que é expressão dos deveres sociaes abriga pela força, não obriga pelo direito. Consistindo este, segundo o principio, que refutamos, na co-existencia da liberdade de cada um com a liberdade dos outros, e na obrigação de não impedir a acção individual dentro da sua esphera a que se reduz a obrigação social? sómente a este dever negativo—não impedir

Se a propriedade é um direito que em theoria nada limita; se o que é meu é meu absolutamente; se disponho do que possuo como quero; se tirar uma parte é offender a minha individualidade; como é que o imposto vem limitar-me esse direito? Como é que a herança é obrigada aos filhos, e se acha tolhida aos paes a faculdade de dispor d'ella a seu arbitrio? De estar o direito assente em um principio falso se seguem essas e outras muitas contradicções.

VII

Do seu canto da Allemanha Kant, antes da explosão de 93, proclamava os direitos do homem: a sua metaphisica subjectiva parece haver inspirado toda a philosophia liberal, e este individualismo exclusivo e anarchico da nossa epoca.

A sociedade, tal como é, não tem outro fim se não fazer respeitar a personalidade humana: em vez de assegurar o desenvolvimento a todos apenas não consente entravas a este desenvolvimento.

Vivemos ao lado um dos outros, mais n'um constante antagonismo, que domina a terra e o capital, a industria e o commercio.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

(Continúa.)

A VOLTA DA "IRMÃ,"

Divaga a «irmã» pela Estrumada, triste e mediatubunda, lamentando a má estrella que a persegue, e lastimando-se por não ter conseguido os seus ardentes desejos.

Sonhou que havia de aforar algumas glebas por preços infimos, e para conseguir isso lembrou-se que um dos meios era affastar os concorrentes da praça.

Deitou mãos á obra e quer por intermedio da sua Canuda, quer por intermedio de pregoeiros fez constar por toda a parte, que os arrematantes seriam logrados com as medições e demarcações,

O seu plano, porém, gorou-se, porque ella é demasiadamente conhecida, para que alguém se deixe embalar pelas suas lóas.

As arrematações foram bem concorridas e os aforamentos foram feitos por um preço relativamente importante não tendo a «irmã» conseguido aforar sequer uma gleba.

Agora renega as suas primitivas intenções procurando manipular satisfação por «não possuir nem um só palmo d'esses terrenos ao passo que outros possuem areas enormes».

Seja tudo pelo divino amor de Deus.

Os que possuem areas grandes ou pequenas adquiriram-nas por justo titulo em hasta publica; pagaram-nas com o seu dinheiro, que entrou no cofre camarario.

Se a «irmã» não possui um palmo d'esse terreno, não é por falta de vontade que tivesse d'isso, porque tambem concorreu á praça e lançou sobre o preço de arrematação, mas como ainda, ha pouco tempo tinha presenteado amigos com terrenos municipaes parecia-lhe mal dar dinheiro por aquillo que tinha dado de graça.

Foi esta a unica razão por que a «irmã» não arrematou um só palmo.

Não se queixe de syndicatos em que a «irmã» não entrou, queixe-se de si e do seu syndicato, que não aforou por não querer dar dinheiro.

Quaesquer pessoas estão no seu plenissimo direito de se associarem, para qualquer fim licito, como é a aquisição de terrenos e se os snrs. Manoel d'Oliveira da Cunha, Gaioso e Ramada o fizeram procederam muito bem.

Já assim não aconteceu com o syndicato da «irmã» porque delinquiram, cahindo até sob a alçada do Codigo Penal, procurando affastar da praça os concorrentes por meios artificiaes e calumniosos, quaes foram a de proparar que as glebas não tinham as areas indicadas, nem estavam demarcadas e assim os arrematantes nunca conheceram o que tivessem arrematado.

Se alguém tivesse conseguido aforar os terrenos da Estrumada por preço baixo; estaria satisfeita a «irmã» porque tinha conseguido o seu fim affastar os concorrentes. —

Esse facto talvez lhe servisse para justificar as consoadas que pretendeu dar nas vespersas do natal de 1904, não do seu bolso, mas do da camara.

Assim é que na sessão de 9 de novembro de 1904 encontraram-se dois bellos presentes um dos quaes para um ex-socio da fabrica de conservas.

Diz a acta:

Foi lido um requerimento d'Agostinho da Fonseca Meneres, casado, negociante e proprietario, de Leça de Palmeira, solicitando a concessão da area d'areal existente entre as duas ruas que correm do nascente a poente, perpendicularmente á denominada Thomaz Ribeiro, na costa do Furadouro, junto do poço publico que fica ao nascente d'esta rua a fim de alli construir um chalet para cujo effeito pede tambem alinhamento e cota de nivel, bem

como licença para deposito de materiaes.

A camara, attendendo a que o terreno arenoso pedido pelo requerente não tem valor real algum; tendo em consideração que as edificações são o meio unico, sem dispendio para o cofre municipal, de fixar as areas que nenhuma outra applicação util podem ter; considerando que a projectada bastante contribuirá para o embelezamento da praia, onde são muito poucas as habitações do bom gosto, deliberou deferir por unanimidade, o alludido requerimento, em virtude da informação da presidencia, concedendo a area de areal mencionada, pelos fundamentos expostos, pela qual não exige retribuição alguma conforme procedeu para com a firma proprietaria da fabrica de conservas «A Varina» concedendo igualmente o necessario alinhamento e cota de nivel e licença para poder fazer o deposito de materiaes competente. O requerente deverá terraplenar o terreno d'areal concedido, a fim de evitar que na epoca invernos as aguas fluviaes ali se depositem, deixando d'ambos os lados norte e sul uma rua de dez metros de largura, em toda a extensão, para bem do transito publico.

Esta deliberação não foi approvada pela commissão districtal por virtude da informação do administrador do concelho, e assim ficou o compadre Menéres sem o presente.

Mas as razões em que se baseiou a Camara ou melhor o presidente d'então para dar gratuitamente o terreno indicado, constitue o cumulo da desvergonha.

O terreno n'esse tempo não tinha valor, e no anno seguinte foi pago a 200 e 300 réis cada metro quadrado.

As areas do Largo que estavam fixas e bem fixas, porque todos os invernos eram alagadas e estão abrigadas por palheiros construidos a norte e sul e poente e até nascente precisavam de ser fixados!

Dava-se o terreno para que ahi fosse feita uma habitação de bom gosto, o que ainda não havia no Furadouro.

Mas o desplante não fica por aqui.

Tem-se a coragem de declarar que «sob a informação do presidente não se exige retribuição alguma conforme se procedeu com a firma proprietaria da fabrica de conservas «A Varina».

Primeiro deu-se á firma, á collectividade um presente monstro, e em seguida dar-se-hia aos socios individualmente, se houvesse tempo para isso.

E para que não houvesse emulações sobre a primasia em receber, concordou-se em que a distribuição seria feita pela ordem alfabetica.

Assim primeiro recebia o Agostinho e a seguir seria o Antonio. Querem-n'o mais descarado.

A Visão dos Tempos e as Modernas Ideias na Litteratura Portuguesa.

XXI

Vai apparecer a nona edição do livro do Sr. Passos, segundo me informam os seus editores.

Nove edições devidas ao que me plagiou!

Nove edições! tantas não obtiveram ainda as *Folhas cahidas* de Garrett!

E havia de eu ficar em silencio diante de uma tão louca e affrontosa imprudencia?!

Nem a circumstancia de ter o modesto e muito digno Silva Ferraz assistido em Coimbra á recitação das poesias reclamadas, nem o receio, que decerto teve, de que outros as ouvissem recitar, como é exacto, nem o estar eu ainda ao de cima da terra, o embarçaram!

Não posso respeitar a memoria do verzejador, sem talento poetico apreciavel, que assim procedeu commigo.

Quando me abono com provas do genero d'aquellas, com que reclamo o *Firmamento*, a indignação, que sempre me accomette contra quem não me acredita, converte-se em desprezo, porque então nos que me contestam, (por ora dois apenas) vejo saliente a ignorancia ácerca do assumpto junta a não sei que ridicula affectação de superioridade, pouco toleravel.

Além de que preciso não deixar sem protesto uma calumnia, tambem pretendo ser inscripto no *Kalendario occidental*, e como se negam alguns dos titulos mais valiosos dos meus serviços *convergentes*, quero justifical-os antes de fazer a petição respectiva. Bem sei que é muito pedantesco este invocar dos proprios meritos, mas eu estou revolvido a não ficar atraz do Sr. Theophilo Braga nem mesmo em pedanteria.

Os leitores qualquer dia ficarão pasmados lendo n'este jornal a extensa lista das minhas invenções, theorias, e escriptos ainda ineditos.

Na oitava edição das poesias do Sr. Passos leio a sua biografia, escripta pelo Sr. Xavier Cordeiro, e reproduzida do Almanack Lusobrazileiro de 1875.

Era o Sr. Rodrigues Cordeiro tambem poeta, e de um caracter ingenio; conheci-o em Coimbra, onde em casa de Mathias de Vasconcellos nosso ministro na Italia, o ouvi contar com enthusiasmo a

visita de Cleopatra a Marco Antonio, quando o triumpho se achava na Asia Menor com o seu exercito.

A biografia do Passos denuncia a mesma tendencia ao exagero, mas desculpavel, por que o Sr. Cordeiro não estava prevenido das habilidades do biografado.

Quando por acaso em 1892 li a sua apreciação do poeta portuense no Almanak, enviei-lhe alguns numeros do *Districto d'Aveiro*, onde em 1886 publiqui a minha reclamação em 32 artigos—mas já infelizmente o Sr. Cordeiro, affectado de um grande desgosto, não podia attender-me.

Diz, que a verdadeira vocação do poeta eram as mathematicas! e para auctorisar este conceito, cita-nos o *Firmamento*.

Os leitores já sabem a historia do *Firmamento*, e podem avaliar esta illusão do biografo—Devo recordar-lhes, que o Sr. Passos quando eu recitei a quarta estancia, me esforcei por lhe fazer conceber como a terra podia não ser vista das estrellas, e não percebeu, nem mesmo depois que Silva Ferraz se empenhou n'essa tarefa.

Nunca lhe passou pela mente lastimar a guerra, antes a exalta nos seus versos—nunca a sua musa crearia o assumpto do *Anjo da Humanidade*, titulo, que nem sequer mudou ao thema, que longamente lhe desenvolvi—e que só metrificou exagerando-se todavia na descripção da Jerusalem celeste—descripção tão material, que parece imitada d'algum poeta classico.—Cita o sr. Cordeiro uma estancia, a final, que eu havia composto. E' assim:

Depois continuando: ó Deus, que a hade
Sundar mysterios, que teu seio escondes!
As leis, que m'imposer tua vontade
Cumprerei sobre a terra—Ela responde—
Os passos da mesquinha humanidade
Aonde os levarei, Senhor, aonde?
Uma voz retumbou no ceu radiante,
Que ao anjo respondeu dizendo. Avante!

O difficil era inventar a resposta da divindade—e como o remate da poesia me inquietava, logo que descobri um que julguei soffrivel, compuz a ultima estancia—vindo assim a começar pelo fim.

Não ha na poesia um só pensamento do sr. Passos!

Sente-se, que está metrificando o que ouviu, ou leu, e comtudo d'esta poesia se começa a formar a lenda do plagiario.

Ir propor ao eterno o problema do bem e do mal era uma idéa ousada superior ás concepções do illustre Passos.

Notem os leitores, quaes são as poesias que cita, e nas quaes funda o seu concetio.

São as minhas—e os meus themas poeticos com algumas estancias, já compostas, como já dissemos.

Eil-as, o *Firmamento* o o *Noivado do Sepulchro* o *Anjo da Humanidade* e *A Visão do Resgate*—onde as 4 primeiras estancias me pertencem—que eu compuz imitando o estilo biblico de Lamennais, mas onde a ideia principal era o presentimento da humanidade sobre a sua regeneração futura, e não o resgate mystico, como ao sr. Passos pareceu.

O illustre plagiario imitou as 1.^{as} estancias, e menos mal, mas com as mesmas ideas, e depois abandonou-se á sua propria inspiração nos versos monotonos, que se seguem, onde vemos os anjos de espadas reluzentes combatendo nos ares.

O *Mendigo*,—onde as duas primeiras quadras são minhas—esta poesia suscitou-m'a—o *Vieux Vagabond* de Béranger.

O *Desalento*—onde quasi todas as estancias são por mim traduzidas de Lamartine—*A Infancia e Morte*—uma traducção que fiz do francez e que o sr. Passos apresenta como original—*O Amor e Eternidade*, da qual metade é do sr. Passos e a outra metade pertence-me e n'esta se acha a famosa inscripção tumular, diante da qual vai ajoelhar-se quem não pode perdoar as irreverencias aos mortos illustres, em nome de quem zomba dos vivos, e os insulta.

Os *ultimos Momentos d'Affonso de Albuquerque*—ha umas estancias, que me ouviu em 1851 como já contei na *Vitalidade*.

Emfim—apenas o sr. Cordeiro cita a *Rosa Branca*, insipida e morbida poesia, que tem o sr. Passos por exclusivo auctor.

Mas porque não comparou a grande maioria das composições restantes com as citadas? Nota apenas uma contradicção entre o *Desalento* e a *Vida*, entre esta que é sua, e aquella, que é de Lamartine. Acolá é descrente, aqui não—o biografo, se visse, acharia n'este meu artigo a solução d'esse problema, e d'outras contradicções, a que nos aponta não é a mais frizante.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.
(Continúa.)

CRONICA D'ESMORIZ

O BADALO...

Ora quem havia de dizer, queridos leitores, que o badalo dos si-

a execução immediata da promessa; os politicos e os negociantes poderão discutir depois á sua vontade,

—Sim! a historia d'Alcibiades repetiram muitas voses.

Então Laís dirigindo-se aos escravos disse: Canephoros, cingi a frente de Cleon d'uma coroa de myrtos e louros. Copeiros, enchei as amphoras; amigos, copos na mão: A' memo ia de Alcibiades, o mais extraordinario dos homens do seu tempo.

—E o mais amavel, accrescentou uma das betairas.

—Possam estas acclamações, continuo Laís ir até aos Campos Eliseus alegrar-lhe a sombra.

—Cleon subiu a um estrado em frente dos ouvintes e principiou:

—Compatriotas e nobres estrangeiros, eu prometti, a convite de Laís, contar as mais interessantes passagens da vida d'Alcibiades; d'entre vós muitos vieram por este motivo, eu me esforcei em não illudir a vossa expectativa, e satisfazer a vossa curiosidade.

Sobrinho do ambicioso Cleon, que succedeu por algum tempo a Pericles, eu tive muitas vezes occasião na minha mocidade de ver Alcibiades, e de ouvir fallar das suas aventuras. Era um homem notavel pela sua bella figura, pela riqueza dos seus trajos, e a ele-

nos da nossa igreja havia de dar que falar ao bairro!...

Pois deu e tanto assim que nas cordoarias e nas tabernas que são a Arcada cá da terra, não se falla ha duas semanas n'outra cousa. Depois, passa uma rapariga com um atado de sede á cabeça e de todas as portas pergunta-lhe maliciosamente e com o mais maroto dos sorrisos nos labios: «O' menina tu és *museca*?...» Vae um lavrador para o campo com um carro d'estrume e aqui e alli interroga-no: «O' tio Zé você é *museco*?...»

A's pessoas que descem a estrada para a... dirigem-lhes uma centena d'interrogações: «Vocês são *musecas*?» A's proprias *gaivotas* de Macédo que voão apressadas para a sardinha, crivão-nas de perguntas: «O' meninas vocês são *musecas*?»

Até mesmo as operarias das cordoarias que correm apressadas para casa para sorverem d'um trago o magro caldo e regressarem açudadas ao trabalho, não deixem de lhes perguntar:

«O cachopas, vós sois *musecas*?» Ora imaginem, ao mesmo Adelino Maceda, que é o maior manhoso que nós conhecemos, mas que apesar disso é um excellente rapaz e um bello character, a elle, mesmo tiveram o, como hei-de dizer?... o descaramento de lhe perguntarem se tambem era *museco*.

E não contentes com isso perguntaram ao Americo, ora vejam, ao Americo, se elle era *museco*!!!...

Sempre uma coisa assim!...

Mas... afinal, perguntar-me-hão os leitores, que quer dizer isso?

Ah, não sabem? Então eu lhes conto....

Existia ha um par d'annos na terra da nossa igreja um sino rachado (salvo seja). As juntas de Parochia que Deus haja, nunca se lembraram de o mandar fundir, mas a actual não esteve pelos autos.

Foi a Rio Tinto e contractou n'uma fabrica d'um tal Leão (cremos que é este o nome do homem) a sua fundição e depois de fundido mandou-o collocar na torre.

Mas oh, ceus, quando elle pela primeira vez fez ouvir a sua voz, um maduro qualquer que estava no adro, arregalou desmesuradamente os olhos e com lagrimas na garganta. Zurrou: «Ai que o sino está mudo!» «Mudo o sino» disseram-lhe do lado. Abrenuncio... Para longe vá o agouro... E' a primeira vez que tal ouvimos... Um sino mudo... só se não tem

gancia das suas maneiras. Duplamente favorecido da fortuna e da natureza, Alcibiades, mostrou desde tenros annos uma facil concepção e um espirito muito penetrante. Nas reuniões infantis era elle quem commandava e dirigia os outros nos divertimentos. Adolescente era sympatico a todos os olhos e obteve o premio da belleza. Oriundo d'uma familia illustre contava o valente Ajax, entre os seus avós; e por sua mãe era ainda parente de Pericles.

Não tinha ainda atingido os vinte annos e já a sua paixão pelo luxo e prazeres se desenvolveu a um ponto de assustar a familia.

O filho de Clinias andava sempre escoltado d'um bando de aduladores, era admirado dos mestres pela sua aptidão e docilidade, mas escandalisava a gente honesta com a sua conduta licenciosa.

Nenhum mancebo d'Athenas o igualava em belleza, força, coragem, nem na eloquencia, era tão sympatico que os seus emulos, mesmo os inimigos pessoas se sentiam atraídos para elle desde que não deixassem de ouvi-lo. Era notado pelas suas generosidades, pelo seu rico vestuario, e requintado asseio; o ouro não parava nas suas mãos, introduzia-se nos gyneceus, jurava ás todas mulheres o mais fiel amor, depois abandonava-as por novas conqui-

badalo que o toque e desataram numa gargalhada demorada e estrondosa. O homem, porém, não foi á parede e sahiu-se com esta: Já disse, o sino está mudo e vocês não se ririam se fossem... *musecos*, porque reconheciam que eu tenho razão. Então o sino rachado tocava assim?

Vocês não pescam nada d'estas regedorias. Sim, responderam os pandegos, nós de badalos nada comprehendemos e lá *musecos* de taes instrumentos só conhecemos... os sineiros... E desataram de novo n'uma gargalhada doida, começando a perguntar uns aos outros «tu és *museco*?»

«Olha o badalo do *museco*» e o homem teve de fugir. Mas a moda pegou e hoje não se ouve por ahi senão perguntas como estas: «tu és *museco*?» Olhar de badalo., olha ó badalo... No entanto, ouçam, o caso já tomou as proporções de sério, porque o nosso Abade lhe dedicou o assumpto d'um sermão e n'elle lá foi mettendo a sua colherada, chamando *musecos* aos infamadores do sino.

Ora vá, senhores *musecos*, deixem-se de badalos....

Mettam no sacco o instrumento sobredito cujo, Sim? Bem... e até á semana...

Zé Petinga.

NOTICIARIO

Conde de Sucena

Acha-se completamente restabelecido o grande benemerito o Ex.^{mo} Sr. Conde de Sucena, de Agueda.

S. Ex.^a reassumiu já a presidencia da Camara, o que é motivo de jubilo para os aguedenses pela dupla razão de verem o seu illustre compatriota recuperado de saude e tambem porque com o seu regresso á Camara os melhoramentos continuarão com largo desenvolvimento.

Dr. João Pereira de Magalhães

No dia 16 do corrente o illustre deputado por este circulo Dr. João Pereira de Magalhães, fez a sua estreia parlamentar, que foi brilhante, tendo sido ouvido com attenção por t da a Camara.

O seu esplendido discurso versou sobre o projecto da Reforma da Contabilidade Publica, re-

tas; de tal maneira que foi o terror das familias. Nos banquetes, festas e orgias era o primeiro a entrar e o ultimo a sair; era quem cingia mais coroas e mais copos vasava, os seus proprios rivaes o reconheciam como o vencedor em tudo.

Apesar das exhortações de Pericles, Socrates, e sua mãe, consumiu os mais bellos annos da sua juventude entregando-se a todos os vicios. O discipulo de Socrates veio a ser em pouco tempo o cidadão de Athenas o mais intemperante, e o mais escandaloso, o seu funesto exemplo contagiou cada vez mais os mancebos, e os costumes athenienses se relaxaram. A mocidade de Alcibeades está cheia de aventuras amorosas cujo numero pareceria fabuloso. Por toda a parte exercia o seu poder seductor; um amor se apagava outro logo se accendia; desprezando as conquistas faceis feriu muitas vezes a honra das familias mais nobres o que lhe grangeou muitos odios. Possuia a arte de dar ás suas infidelidades uma tão viva cor de desinteresse, que as pobres victimas seduzidas não podiam aborrecel-o.

Não segurei o meu her e em todas as suas aventuras galantes-limito-me a dizer que todas as muslheres o adoraram e entre ella; cincoenta o fixaram alguns dias,

FOLHETIM

NOITES DE CORINTHO

Por Debay

Os Serões de Laís

III

Já o outomno declinava e o norte soprando com violencia dispersava as folhas cahidas não havia flores na planicie, nem pampanos pelas encostas. O triste inverno havia chegado com a sua corôa de nevoas e gelos. As familias ricas abandonavam as casas de campo e vinham entrando na cidade. A opulenta Corinto tornava a animar-se nos salões e nas ruas.

Laís fez saber aos seus conhecidos e estrangeiros distinctos que ia recommear os serões d'aquella estação no decimo dia da lua nova de Dezembro, e annunciava tambem que a abertura seria inaugurada com a biografia de Alcibiades: Cleon, contemporaneo e biographo, havia de referir certas particularidades da vida intima do filho de Clinias, completamente ignoradas.

Esta primeira reunião, em que

devia celebrar-se a conferencia de Cleon teria assim logar nas *possideias*, isto é, nas festas de Neptuno, que attraíam annualmente a Corinto muitos estrangeiros.

Estas reuniões, ou *symposiums* em casa de Laís eram muito afamadas, ahi se encontravam homens do primeiro merito, e os mais celebres da epocha; e a grande favor ser n'ellas admittido d'onde veio o proverbio:

«Nem a todos é licito ir a Corinto»

Primeira conferencia

Alcibiades—Mocidade, espirito, caracter, amores livianos, e o seu consorcio com Hippareta.

Na grande sala de recepção do palacio de Laís achavam-se reunidos n'esse dia um grande numero d'homens de primeira condição, de todas as idades, e de todos os paizes; muitas philosophias e artistas ahi tinham vindo para ouvir a historia de Alcibiades.

Emquanto se esperava a hora da conferencia agitavam se varias questões politicas e commerciaes quando uma voz feminina se ouviu dizer:—

«Prometteram-nos a historia do filho de Clinias, nós pedimos

velando S. Ex.^a vastos conhecimentos sobre este ramo de administração, e ao terminar foi muito cumprimentado.

Ao illustre deputado endereçamos cordeas e vehementes felicitações.

INAUGURAÇÃO DE RETRATOS

Na sexta-feira passada, foi inaugurado em Aveiro, na sala das sessões da camara municipal, o retrato do nunca esquecido filho d'Aveiro Snr. Conselheiro Francisco de Castro Mattozo.

A sessão solemne de inauguração correu imponentissima, discursando varios oradores, que em phrase ora quente de entusiasmo ora repassada de dôr pela perda do saudoso extinto, punham em relevo as extraordinarias qualidades de intelligencia e integridade como magistrado modelar, os seus excellentes dotes de coração na pratica do bem, que distribuia indistinctamente e a sua fina aptidão e incomparavel circunspeção aos negocios publicos.

A camara dos Senhores Deputados fez-se representar pelos Snrs. Conde d'Agueda, Dr. Augusto, de Castro e Dr. João de Magalhães, deputados pelo districto d'Aveiro.

Consignamos n'este logar a nossa adhesão a essa grandiosa e augusta homenagem.

FEIRA DE CEVADOS

Tem sido muito concorridas as feiras de cevado, no largo d'Almeida Garrett (Largo da Estação) d'esta villa, realisando-se importante transacções.

O preço dos cevados tem regulado pelo do anno antecedente, variando a preço da arroba entre 3\$800 e 4\$000 réis.

Homicidio

Na noute de 2.^a para 3.^a feira, da semana finda foi assassinado em sua propria caza no lugar da Estrada Nova, freguezia de Esmoriz, d'esta Comarca, José Rodrigues da Silva—o Espirito Santo,—Solteiro, jornalista, de 75 annos approximadamente.

O regedor da freguezia Lino Leça participou o facto ao administrador do concelho, que a seu turno, o levou ao conhecimento das auctoridades judicias, que ordenaram a autopsia do cadáver.

Foram detidas 6 pessoas pa-

trinta o possuiram uma semana, oito somente estimou; todas foram abandonadas...

...Ai o barbaro, exclamou uma voz feminina.—Todas foram abandonadas, disia eu, á excepção da terna e corajosa Timandra que o acompanhou ao exilio, sofreu por elle todas as desgraças, e recebeu o seu ultimo suspiro.

Das numerosas conquistas d'Alcibiades citei apenas duas, uma a de Glicerion, que lhe suscitou um inimigo encarnizado, mortal; e a de Myrrina que lhe provou, que se elle, Alcibiades, tinha o triste privilegio de enganar as mulheres, tambem por ellas podia ser enganado.

(Continua) C. M.

ERRATAS

No folhetim antecedente onde se lê *Hyparques*, deve ler-se *Hyparcho*, onde se lê *Lagisque*, deve ler-se *Lagi-cha*; onde se lê *Thais* deve ler-se *Thais*; onde se lê *dos que mais se distinguem*, deve ler-se *das que mais se distinguiram*, onde se lê *Poliorettes* deve ler-se *Poliorettes*, onde se lê *Selencus* deve ler-se *Seleucus*, onde se lê *Bruchas* deve ler-se *bruxas*.

ra averiguações, estando-se a proceder ao respectivo auto d'investigações na administração do concelho.

Os malvados entraram em caza da victima por meio de arrombamento feito na parede, e encontrando o pobre velho a dormir cravaram-lhe barbamente algumas e profundas facadas, vendo-se uma a atravessar-lhe a garganta.

Ignora-se, por enquanto o mobil do crime dizendo uns que o horroso acontecimento se filia n'uma questão de herança.

Alfaiateria

GUILHERME CORREIA DE SA

LARGO DA PRAÇA

OVAR

Aos nossos assignantes

Avisamos os nossos Ex.^{mas} assignantes de que vamos proceder á cobrança do 1.^o semestre.

Pedimos portanto a fineza de satisfazer os seus debitos afim de nos evitar novas despesas do cor-reio.

R

Não posso assistir por mais tempo ao teu meigo olhar que me fascina.

Estive na quinta-feira no theatro onde nos entre-olhamos, e hoje lá estou no mesmo logar.

Desejava esrever-te, mas primeiro preciso saber se me correspondes; e, para isso, fazer-te-hei signal, passando um lenço branco pelos olhos, o qual repetirás, no cazo que acceites.

Crê no amor que te dedica aquelle que adora somente um anjo.

Bombeiro

THEATRO

Os espectaculos de domingo e quinta-feira—passados, «Os Dragões do Rei» e «A Filha do Snr. Chrispim», adrede escolhidos para a gargalhada, produziram o efeito desejado, conservando os espectadores em constante hilaridade pelas innumeradas piadas frescas que ornaram aquellas peças.

No domingo teve as honras da noute, o grande actor Guerreiro, andando os restantes actores, como sempre, muito correctamente.

Hoje sobe novamente á scena, a pedido, a excellente operetta «O Moleiro d'Alcalá».

ERRATA

No artigo—a Conferencia—do n.^o antecedente—Onde se lê—nós fomos assim forçados a reconhecer, etc., deve ler-se—Nós fomos assim forçados a reconhecer, quaesquer que tenham sido os nomes dados a esses povos, **Ligures, Numidas, Gaetules, Galls, ou Gaels**, a raça **escura**, ou **berbere**, que ainda hoje existe ao norte da Africa, etc.—Onde se lê—se impoz aos vencedores, etc., deve ler-se—impoz aos vencedores uma fusão, da qual nasceu o phisico e no moral um povo mixto—**o do gaulez transalpino, etc.**—Onde se lê—*substractem*, deve ler-se *substractum*.

Boletim Elegante

Vindo dos E. U. do Brazil, chegou na segunda-feira passada a esta villa, abalado de sua saude, o Snr. José Pacheco Polonia, filho do nosso importante amigo e correligionario o snr. João Pacheco Polonia.

Pelo seu prompto restabelecimento fazemos os nossos mais cordeas votos.

PESCA

Esta semana não houve trabalho de pesca na Costa do Furadouro, em virtude de o mar não ter permittido.

CAÇA

Realizou-se no dia 14 do corrente uma caçada ás perdizes nas mattas de Villa Cova concelho de Macieira de Cambra promovida pelos Snrs. Americo Valente Compadre, Rodrigo Soares Pinheiro, Manoel Joaquim Tavares da Costa, e Antonio dos Santos Pinho, sendo muito felizes na digressão venatoria. Pereceram debaixo do fogo certo dos distinctos Caçadores 26 perdizes, 4 lebres, 11 coelhos, e 1 môcho. Terminou a feliz caçada com um pic-nic verdadeiramente á caçada-offerecido pelo Snr. Tavares da Costa, um dos companheiros da digressão. Tudo correu no meio da maior animação sendo entre-meada de bellos copos de *Sumo d'uva* a palestra amistoza dos excellentes camaradas. Os caçadores retiraram ás duas horas da madrugada, emquanto que nos enbrenhados mattos de Villa Cova as perdizes, que ficaram saudavam a aurora com o seu chilrear monotono satisfeitas por terem escapado á pontaria certa dos alegres amadores. Por ultimo foi rezolvido realizar-se outra caçada no dia 14 do proximo mez de Dezembro.

Cortegeça

Snr. Redactor:—No *Jornal de Noticias* de 7 do corrente, na local =Esmoriz= diz o correspondente d'esta freguezia que «Deus escreve direito por linhas tortas» e, como elle, tambem confirmo ser verdade, mas não o que o mesmo correspondente em seguida affirma; porque não é a Junta de Cortegeça que tem jogado turras com a d'Esmoriz por causa da demarcação dos seus limites. Essas turras têm sido jogadas unicamente pela Junta d'Esmoriz, mas felizmente só para o ar ou para o vento, porque a de Cortegeça não tem para isso feito nem habilidade. E' uma junta séria que só tracta de bem administrar os interesses que lhe estão confiados de não consentir que alguém, seja quem fôr, lhe usurpe uma só nesga do terreno da sua freguezia, do qual sempre esteve de posse pacifica e que só agora lhe é contestado por um mero capricho dos *novos indireitas*.

Não appareceu marco algum junto ao mar, como diz o *sabio* correspondente: appareceram simplesmente tres esteios de pedra granitica em rumos diversos de poente a nascente, sem semelhança nem confronto algum com os marcos levantados em terra entre Esmoriz e Cortegeça, e segundo o affirmam pessoas antigas e fidedignas esses esteios fôr primitivamente collocados ás esquinas dos palheiros da praia, que já desapareceram e onde os tiradouros para que as cordas do arrasto das redes de pesca não os damnificassem. E se houve alguém de Esmoriz que cabiu na leviandade de confirmar com juramento que um d'esses esteios, agora descobertos, foi marco entre as duas freguezias, talvez

tenha de arrepender-se muitas vezes da paixão interesseira que o dominou a ponto de fazer affirmações que tanto o podem comprometter.

Tambem não foi o rei lavrador que mandou semear n'esta praia os pinheiros, a que o *sabio* correspondente se refere, mas sim um antigo Parocho de Cortegeça, como consta de notas antigas archivadas n'esta parochia, e para o que fez interessar os seus parochianos, perdoando a oblata que lhe pertencia, a todo aquelle chefe de familia que em dia de S. Silvestre semeasse nas areas da costa do mar d'esta freguezia uma tijella de pinhão. Ora este facto do apparecimento dos pés de pinheiro ainda muito para o norte dos limites que Cortegeça possui actualmente e que foram semeados na costa do mar da freguezia de Cortegeça pelos seus parochianos, não serão uma prova evidente de que Esmoriz está actualmente possuindo o que já foi e que ainda devia ser de Cortegeça? E ainda com isso se não contentam?!

Esta prova tão clara é a que Deus, escreveu por linhas, tortas.

Cortegeça 7 de Novembro de 1906.

P.

EDITOS DE 8 DIAS

2.^a publicação

No Juizo commercial da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Zagallo de Lima e nos autos de contas appensos á fallencia do commerciante, Manoel Dias Vieira, solteiro, maior, do logar da Cancellia, freguezia de Cortegeça, da comarca d'Ovar, correm editos de 8 dias contados da segunda publicação d'este annuncio no Diario do Governo, citando o mesmo fallido Manoel Dias Vieira e os seus credores, para dentro de cinco dias, depois de findo o prazo dos editos, dizerem o que se lhes offerecer á cerca das contas apresentadas pelo administrador da fallencia João José Alves Cerqueira, em harmonia com o art.^o 285 do codigo do Processo commercial.

Ovar, 10 de Novembro de 1906.

Verifiquei a exactidão,

O Juiz Presidente do Tribunal do commercio

Lobo Castello Branco.

O escrivão,

Angelo Zagallo de Lima.

Arrematação

1.^a Publicação

No dia 16 do proximo mez de dezembro, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta Comarca d'Ovar e na execução por custas e sellos que o Doutor Delegado do Procurador Regio n'esta mesma Comarca move contra Maria Alves da Silva Galante, casada, do logar do monte, freguezia de Cortegeça, se hão-de arrematar e entregar a quem maior lanço offerecer sobre a sua avaliação, os predios abaixo mencionados pertencentes e penhorados á mesma executada:

Uma leira de matto e pinho chamada a «Cruz» sita no Rio de Cortegeça, de natureza censuaria á Confraria do Santissimo Sacramento da freguezia de Esmoriz, a quem paga o censo annual de 4,37 de trigo, avaliada, com o abatimento do censo, na quantia de 20\$000 réis;

Uma leira de matto chamado o «Monte» sita no mesmo Rio de Cortegeça, allodial, avaliada na quantia de 17\$000 réis;

Uma casa de moinho com

uma roda de moer a vento, sita nas «Areias» da freguezia de Cortegeça, allodial, avaliada na quantia de 34\$000 réis.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação e ali deduzirem os seus direitos querendo.

A despesa da praça e metade da contribuição de registo ficam a cargo do arrematante.

Ovar, 20 de novembro de 1906.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

Lobo Castello Branco.

O escrivão substituto

Amadeu Soares Lopes.

Editos de 30 dias

1.^a Publicação

Na comarca d'Ovar e cartorio do Escrivão Freire de Liz, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando os interessados Manoel Gomes dos Santos, casado; João Leite, Antonio Leite e José Leite, solteiros, de maior idade e João da Costa Carvalho, casado, todos auzentes no Brazil, em parte incerta, para assistirem a todos os termos, até final, do inventario orphanologico a que se procede por obito de José Gomes dos Santos, e mulher Josefa Maria Gomes, moradores, que foram, no logar da Pedreira, fregezia d'Arada, sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 16 de Novembro de 1906.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Lobo Castello Branco.

O Escrivão,

Antonio Augusto Freire de Liz.

Camara Municipal d'ovar

Arrematação de impostos e estrumes

A Camara arrematará no dia 9 de Dezembro proximo, pelas 10 horas da manhã, o imposto indirecto de 100% sobre os generos sujeitos ao do real d'agua, que se consumirem n'este concelho no anno de 1907, e bem assim os estrumes do Caes da Ribeira, do Carregal e feira dos doze, no largo d'Almeida Garrett, d'esta villa, e da Ribeira do Mourão, Puchadouro e feira dos treze, na freguezia de Vallega, d'este concelho.

As condições respectivas, acham-se patentes na secretaria d'esta camara, todos os dias nteis a fim de ser examinadas.

Ovar, 15 de Novembro de 1906

O Presidente da camara.

ATTENÇÃO

Manoel d'Assumpção, escrevente n'esta villa, participa a todos os individuos que desejem embarcar para os portos do Brazil, que se encarrega de fazer os termos de fiança e respectivos requerimentos pela modica quantia de 600 réis.

Ovar, 2 de novembro de 1906.

Manoel d'Assumpção.

AO PUBLICO

Antonio Maria Mattos, alfaiate; faz saber que na sua caza se fazem com perfeição, — sobretudo, capas, habitos, batinas e tudo o que diz respeito á sua arte.

Antonio Maria Mattos. Largo da Poça—Ovar.

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, tales como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO

ESTAÇÃO FRIORENTA

OFFICINA E ESTABELECIMENTO
DE CALÇADO

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

SAL

Pelo preço dos outros negociantes, vende-se no logar da Poça.

Manuel Ferreira Dias.

ALFAIATARIA DA MODA

Abel Guedes de Pinho, participa ao respeitavel publico d'Ovar, que abriu uma alfaiateria no Largo da Praça n.º 46 d'esta villa, encarregando-se de fazer toda a obra concernente á sua arte para o que está habilitado, responsabilizando-se pelo seu bom acabamento; tambem faz varinos ou gabões pelo systema d'Aveiro, o que executa com a maxima perfeição, visto ser filho d'um dos primeiros artistas d'Aveiro, e d'onde trouxe a melhor pratica.

Espera portanto, do respeitavel publico a fineza de o auxiliar na sua industria, pelo que muito reconhecido fica.

Depois da quadra d'estio,
Em que a gente andava a arder,
Entrámos agora no frio;
E o que haviamos nós de fazer,
Se não nos valesse o Luzio?...

C'o... nariz sempre a pingar,
Quando, pois, ninguem julgava
De a isto vir a chegar,
Quem elle então acalmava
Tem que agora acalorar.

Deixae-me portanto dizer,
A vós meninas com brio:
—Não vos deveis esquecer
D'entoar «Gloria ao Luzio»!...
Que é quem vos hade... aquecer.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possivel aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender
Azeitona d'Elvas a 220 réis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

Aos Caçadores

Grande e variado sortido em espingardas centraes e de vareta, clavinas, revolvers, pistolas e todos os artigos concernentes. Grande variedade em polvoras pyroxiladas tales como a Schultre, Empire, Coop-pal, Ballistite, Canonite, E C, Rottweiler, Regina e Horrido. Preços sem competencia.

Visitae o

BAZAR DOS CAÇADORES

R. SANTO ANTONIO, 40—Porto.